

THOMAS BERNHARD

Andar

Posfácio

Bernardo Carvalho

Edição e tradução

Marcelo Cordeiro Correia

Copyright © 1971 Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main

Título original Gehen

Capa e projeto gráfico Marcelo Cordeiro Correia

Foto de Capa © Diana Juneck, Berlim

Preparação Laura Rivas Gagliardi

Revisão Regina Cordeiro, Fernando A. Correia da Silva

2017 · Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Brasileira de Arte e Cultura

Rua Governador Pedro de Toledo, 102

11045-550 — Santos — SP · Telefone +55 (13) 3232-8282

www.editorabrasileira.com.br

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bernhard, Thomas

Andar / Thomas Bernhard ; tradução do alemão Marcelo Cordeiro Correia. — 1ª ed. — Santos : Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2017

Título original: Gehen

ISBN 978-85-63186-42-3

1. Romance alemão 1. Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura alemã

Printed in Germany

Sumário

Andar / 6

Posfácio / 145

Em meio a todas as possibilidades de uma mente humana, é um pensamento que não para e, em meio a todas as possibilidades de um cérebro humano, é uma consciência que não para e, em meio a todas as possibilidades de uma índole humana, somos arrastados para tudo quanto é lado.

Enquanto eu, antes de Karrer enlouquecer, só andava com Oehler na quarta-feira, agora, depois de Karrer enlouquecer, também ando com Oehler na segunda-feira. Já que Karrer vinha andar comigo na segunda, venha andar também às segundas comigo, agora que Karrer não vem mais andar comigo na segunda-feira, Oehler diz, agora que Karrer ficou louco e no ato veio para Steinhof. E, sem hesitar, eu disse a Oehler: tudo bem, vamos andar também na segunda-feira, agora que Karrer enlouqueceu e está em Steinhof. Enquanto na quarta andamos sempre num sentido (leste), na segunda andamos no sentido oeste, chega a ser curioso que na segunda-feira a gente ande muito mais rápido do que na quarta-feira, acho que Oehler sempre andou muito mais rápido com Karrer do que comigo, pois na quarta ele anda muito mais devagar e, na segunda, muito mais rápido. Na segunda-feira, tenho o hábito de andar, está vendo, muito mais rápido do que na quarta, diz

Oehler, isso porque, com Karrer (ou seja, na segunda-feira), sempre andei muito mais rápido do que com você (na quarta-feira). Já que você, agora que Karrer enlouqueceu, vem andar comigo não só nas quartas mas também nas segundas, não preciso mudar meu hábito de andar na segunda e na quarta-feira, diz Oehler, mas você, sim, como agora anda na quarta e na segunda comigo, acabou sendo obrigado a mudar de hábito, e de um jeito que para você deve ter sido inconcebível, diz Oehler. Mas é bom, diz Oehler, e ele diz isso em tom sentencioso para não haver nenhum mal-entendido, é de extrema importância para o organismo não deixar passar muito tempo e mudar de hábito de vez em quando, e ao dizer isso não pensa apenas em *mudar*, e sim numa *mudança radical* de hábito. Você está mudando de hábito, diz Oehler, porque agora anda comigo não só na quarta como também na segunda-feira, e isso significa que agora, andando comigo, você reveza num sentido (da quarta-feira) e no outro (da segunda-feira), ao passo que eu, pelo fato de até hoje sempre ter andado com você na quarta, mas às segundas com Karrer, estou mudando de hábito ao andar agora na segunda e na quarta e portanto com você também na segunda e portanto quarta com você no sentido (leste) e segunda com você no outro sentido

(oeste). Além disso não há dúvida e é essencialmente natural que, com você, eu ande diferente do jeito como andava com Karrer, diz Oehler, isso porque Karrer é uma pessoa completamente diferente de você e portanto o jeito de andar de Karrer (e portanto de pensar) é um jeito de andar (e portanto de pensar) completamente diferente, diz Oehler. Ele, Oehler, pelo fato de, depois de Karrer ter enlouquecido e vindo para Steinhof, e Oehler diz, talvez já em caráter definitivo para Steinhof, pelo fato de eu ter, como ele mesmo disse, salvado Oehler do estarecimento de ser obrigado a andar sozinho na segunda-feira; eu nunca mais teria ido andar na segunda, diz Oehler, pois não existe nada mais estarecedor do que ter que andar sozinho na segunda. Segunda-feira, diz Oehler, e ser obrigado a andar sozinho, é a coisa mais estarecedora que existe. Simplesmente não consigo nem imaginar, diz Oehler, que você não venha andar comigo nas segundas. E daí ser obrigado a andar sozinho na segunda é uma coisa que não consigo nem imaginar. Enquanto Oehler costuma andar com o sobretudo todo fechado, ando com o sobretudo todo aberto. Aquilo que, no caso dele, se atribui, acho, ao medo constante que ele tem de pegar um resfriado e apanhar uma gripe por andar com o sobretudo aberto, se atribui, no meu caso, ao

medo constante que tenho de me sufocar andando com o sobretudo fechado. E assim Oehler tem um medo constante de morrer de frio, enquanto eu tenho um medo constante de me sufocar. Enquanto Oehler anda de sapatos de cano alto que vão até acima dos tornozelos, ando de sapatos de cano baixo, porque não há nada que eu odeie mais do que sapatos de cano alto, assim como não há nada que Oehler odeie mais do que sapatos de cano baixo. Toda hora Oehler diz: é um descaramento (e uma estupidez!), andar com sapatos de cano baixo, e eu digo: é um absurdo andar com sapatos de cano alto, pesados como esses. Quando Oehler está de chapéu preto, de aba larga, ponho um chapéu cinza, de aba curta. Se ao menos você conseguisse se habituar a usar um chapéu de aba larga como esse, igual a esse que estou usando, diz Oehler quase sempre, enquanto digo para Oehler quase sempre: se você conseguisse se habituar a usar um chapéu de aba curta, igual a esse que estou usando. Chapéus de aba curta não combinam com a sua cabeça, só os de aba larga, Oehler me diz, enquanto digo para Oehler: só chapéus de aba curta combinam com a sua cabeça, e não os de aba tão larga como esse que você está usando. Enquanto Oehler usa luvas inteiras, sempre as mesmas luvas sem divisão para os dedos, só para o polegar, gros-

sas, resistentes, luvas de lã que a irmã tricou para ele, uso luvas finas porém forradas, de pelica, que minha esposa comprou para mim. Só luvas inteiras esquentam de verdade, Oehler diz toda hora, só luvas normais e ainda por cima só luvas de couro como estas, flexíveis, digo, deixam as mãos assim, ágeis como as minhas. Oehler anda sempre de calça preta, sem polainas, enquanto eu ando sempre de calça cinza, com polainas. Mas não vamos conseguir nos livrar do hábito de usar a roupa que usamos e por isso é um absurdo dizer que Oehler deveria andar de chapéu de aba curta, calças com polainas e jaquetas não tão justas como as que ele usa etc., e que eu deveria pôr luvas sem divisão para os dedos, sapatos de cano alto, pesados etc., porque perder esse costume de usar a roupa que usamos quando saímos, perder o costume de andar com a roupa que usamos durante anos, que usamos durante décadas quando saímos e vamos para algum lugar, não importa aonde vamos, perder esse costume nós não vamos conseguir, porque essa roupa, durante décadas, foi se transformando num hábito definitivo e, portanto, na roupa definitiva. Quando *ouvimos* alguma coisa, Oehler diz na quarta-feira, conferimos o que estamos ouvindo e conferimos o que estamos ouvindo até a hora em que somos obrigados a dizer que o

que acabamos de ouvir não é verdade, é mentira isso que acabamos de ouvir. Quando *vemos* alguma coisa, conferimos o que estamos vendo até a hora em que somos obrigados a dizer que isso que estamos vendo é estarrecedor. E assim passamos a vida inteira sem conseguir encontrar um caminho que nos tire do estarrecimento e da falsidade e da mentira, diz Oehler. Quando *fazemos* alguma coisa, pensamos sobre o que estamos fazendo até a hora em que somos obrigados a dizer que isso que estamos fazendo é uma coisa vulgar, é baixo, é algo indecente, é a pura desolação, e o fato de que o que estamos fazendo está naturalmente errado não precisa nem ser dito. E assim, queira ou não queira, vemos todos os nossos dias se degenerarem num inferno e aquilo que pensamos, se pensarmos a fundo o que pensamos, se tivermos a devida frieza intelectual e a devida perspicácia, aquilo que pensamos vai se degenerando sempre e em qualquer circunstância numa coisa vulgar e baixa e redundante, um fato que acaba nos deprimindo da forma mais chocante pelo resto da vida. Isso porque tudo o que a gente pensa é redundante. A natureza não precisa do pensamento, diz Oehler, só a arrogância humana pensa que pode inculcar seu pensamento na natureza. E o que nos obriga a ficar deprimidos *sem faltar um só fio de ca-*

belo é que no fim, por causa desse jeito descarado de inculcar o pensamento na natureza, cuja essência está completamente imune a esse pensamento, acabamos nos inculcando uma depressão muito maior do que a que já sofremos. Por influência da nossa maneira de pensar, as condições naturalmente vão se degenerando, Oehler diz, em condições cada vez mais insuportáveis. Quando achamos que estamos transformando as condições insuportáveis em condições suportáveis, somos logo obrigados a reconhecer que não transformamos as condições insuportáveis em suportáveis e nem mesmo as transformamos (conseguimos transformar) em condições mais suportáveis, só transformamos essas condições em condições mais insuportáveis ainda. E as condições são como as circunstâncias, Oehler diz, e a mesma coisa acontece com os fatos. Todo o processo da vida é um processo de degeneração em que tudo, e essa é a lei mais cruel que existe, se degenera sem dar tré-gua a ninguém. Quando vemos uma pessoa, em pouco tempo somos obrigados a dizer: que pessoa mais estarecedora é essa, que pessoa mais insuportável. Quando vemos a natureza, somos obrigados a dizer: que natureza mais estarecedora, que natureza mais insuportável é essa. Quando vemos alguma coisa artificial, não importa o que seja, em pouco

tempo somos obrigados a dizer: que artificialismo mais insuportável. Quando andamos, em pouquíssimo tempo também dizemos a mesma coisa: que jeito de andar mais insuportável, o mesmo acontece quando corremos: que jeito de correr mais insuportável, o mesmo acontece quando ficamos parados: que jeito de ficar parado mais insuportável é esse, o mesmo acontece quando pensamos: que jeito de pensar mais insuportável é esse. Quando encontramos alguém, em pouquíssimo tempo pensamos: que encontro mais insuportável. Quando viajamos, quase na mesma hora dizemos para nós mesmos: que viagem mais insuportável, que tempo mais insuportável, é o que dizemos quando pensamos sobre o tempo, Oehler diz, não importa se o tempo esteja bom ou ruim. Quando a nossa inteligência se manifesta de forma perspicaz, quando o pensamento se manifesta da forma mais implacável e mais lúcida que alguém consiga imaginar, quase na mesma hora somos obrigados a dizer que *tudo* é insuportável e estarrecedor. Portanto não há sombra de dúvida de que o segredo é suportar o insuportável e não achar estarrecedor o que é estarrecedor. Dizer que esse segredo é a arte mais difícil que existe é uma coisa óbvia. A arte de existir apesar dos fatos, Oehler diz, é a arte mais difícil que existe. Existir apesar dos fatos

significa existir apesar do que é insuportável e do que é estarrecedor, diz Oehler. Todas as vezes que não existimos *apesar dos fatos*, mas apenas *com os fatos*, diz Oehler, sucumbimos quase na mesma hora. O fato é que a nossa existência é uma existência insuportável e estarrecedora, e existindo assim, *com esse fato*, diz Oehler, sem existir *apesar desse fato*, sucumbimos da forma mais miserável e rotineira, é por isso que nada deveria ser mais importante do que viver sempre, mesmo sendo apenas *no fato de viver*, mas pelo menos ao mesmo tempo *apesar do fato de viver*, uma existência insuportável e estarrecedora. O número de possibilidades de existir *no (e com o)* fato dessa existência insuportável e estarrecedora é o mesmo de existir apesar dessa existência insuportável e estarrecedora e portanto o mesmo de existir *no (e com o)* e, ao mesmo tempo, *apesar do fato de viver* essa existência insuportável e estarrecedora. O ser humano tem sempre a possibilidade de existir *em (e com)* um fato e, conseqüentemente, de existir *em todos e apesar de todos* os fatos, sem existir apesar desse fato e apesar de todos os fatos, da mesma forma que ele tem sempre a possibilidade de ao mesmo tempo existir *em (e com)* um fato e com todos os fatos além de existir também apesar de um e apesar de todos os fatos e portanto mais

ainda apesar do fato de a existência ser insuportável e estarrecedora. É sempre uma questão de frieza intelectual e de perspicácia e de descaso com a frieza intelectual e com a perspicácia, diz Oehler. A maioria das pessoas, mais de noventa e oito por cento das pessoas, diz Oehler, não tem nem frieza intelectual, nem perspicácia e nem mesmo inteligência. A história universal, até os dias que correm, está dando prova disso, não há dúvida nenhuma. Para onde quer que a gente olhe, nada de frieza intelectual, nada de perspicácia, diz Oehler, tudo não passa de uma enorme, uma longa história angustiante sem frieza intelectual e sem perspicácia e portanto sem inteligência. Quando examinamos os fatos da história, o que mais deprime é a completa ausência de inteligência, isso sem falar na ausência de perspicácia e frieza intelectual. Por isso, não é exagero nenhum dizer que a história universal é uma história totalmente desprovida de inteligência, o que a torna também uma história totalmente *morta*. Quando examinamos a história, diz Oehler, quando procuramos nas entranhas da história, e vez ou outra sobra atrevimento para uma coisa dessas numa pessoa como eu, vemos nossa natureza monstruosa que ficou para trás, na verdade, sob os nossos pés, mas de história mesmo não temos coisa nenhuma. A história é